

## A ESPIRITUALIDADE DO AMOR DE CRISTO

*Ir. Joice Marizete Giachini, ASCJ*

Precisar a origem histórica de uma espiritualidade é algo muito difícil. No caso da do Coração de Jesus, a Igreja particulariza seu início no evento da cruz, quando o soldado transpassa o lado do Cristo e dele “saiu sangue e água” (cf. Jo 19, 32-34). Destes elementos, vê o sinal da salvação doada à humanidade e o *prelúdio de uma nova relação* do homem com Deus que, a partir do impulso da graça, O contempla no mistério da redenção. Contudo, de um nascimento, há de se falar algo também de sua gestação ou, neste caso, o conteúdo entrelaçado a esta espiritualidade presente no Antigo Testamento.

Há, por parte do homem veterotestamentário, um grande apreço por temas ligados ao coração. Elege-o como centro de tal forma a pronunciar que é preciso guardá-lo porque é a própria fonte da vida (cf. Pr 4, 23). Constitui-se assim porque é nele que o indivíduo se comunica com Deus (cf. I Sm 1, 12-13) e medita aquilo que Ele lhes dá a conhecer (cf. Sl 19, 14); é também fonte de discernimento (cf. Dt 8, 5), mas também onde projeta o mal a ser cometido (cf. Sl 140, 2). Portanto, sendo sede, é o núcleo da vida e da pessoa, lugar da interioridade, das decisões, da vida espiritual, mas também parte sensível de onde provêm as más inclinações. E, neste contexto, é que Deus, movido de compaixão, lança uma promessa de renovação: “tirarei da sua carne o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne” (Ez 11, 19), e a cumpre plenamente em Jesus.

Cristo é o Coração do mundo. Coração feito carne (cf. Jo 1, 14) transplantado no nosso peito e que a cada Eucaristia celebrada tem sua comunhão de amor renovada. Esta mística tem sido aprofundada durante o decurso de toda a história da Igreja. No período da Patrística, os Santos Padres, fazendo uso especialmente da linguagem alegórica, pregaram abundantemente sobre este amor que de tão divino se fez humano. Já no século XVII, Santa Margarida Maria apresenta ao mundo a imagem do Coração de Cristo para fora do peito, corado de espinhos e inflamado de amor, referência que faz com que a devoção ganhe novo vigor e a festa litúrgica seja proclamada. Além disso, o conteúdo das doze promessas que Jesus revelou à mística gerou o efeito de também o homem se sentir comprometido a gestos de reparação devido o Amor ainda não ser conhecido e amado por todos. Logo, a prontidão de

vontade com que o sujeito se entrega e busca *amar e servir* impelido por este conteúdo é que denominamos *devoção* ao Sagrado Coração de Jesus.

Contempla-se, portanto, um duplo movimento: a espiritualidade, como a própria etimologia (*pneuma, ruach, spiritus*) sugere, é efetivamente a atividade da própria vida de Deus no homem, o seu sopro divino; já a devoção, é a sua correspondência concreta a esta manifestação de amor. À vista disso, conclui-se que o evento da cruz não é só de onde emana a espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus, mas é também para onde tudo converge.

Ser devoto do Coração de Jesus carrega em si a semântica do “a Mim o fizestes” (cf. Mt 25, 35-45), e do “aprendei de Mim que Sou Manso e Humilde de Coração” (Mt 11, 29). De estar com Ele onde Ele estiver, de Belém até a cruz. E nas palavras do Padre Zezinho:

*Feita de dois riscos é a minha cruz  
Sem esses dois riscos não se tem Jesus  
Um é vertical, o outro horizontal  
O vertical eleva, o horizontal abraça  
Feita de dois riscos é a minha cruz  
Sem esses dois riscos não se tem Jesus*

São destes “riscos” que é feito o itinerário de seguimento a Jesus. Aqueles que são *atraídos* para compartilharem da espiritualidade do Coração de Jesus e a devotarem-se a este Amor o fazem sob o signo da mística do afeto e da ternura, da doação que não reserva nada para si, mas que se eleva até as últimas consequências (cf. I Jo 4, 13-21).